

José Manuel Pyrrait

LIBERDADE E OUTRAS CONQUISTAS



Ficha técnica:

Título: Liberdade e outras Conquistas

Autor: José Manuel Mascarenhas do Amaral Pyrrait

Capa: imagem — “Marinha”, de José Malhoa.

Proprietário: Museu Nacional Grão Vasco.

Fotografia: Alexandra Pessoa

Design e paginação: Editora Alma Letra

1ª edição, Viseu, julho 2025

Editora Alma Letra

www.almaletra.pt

ISBN: 978-989-9140-24-0

Depósito legal:

Índice

O Reino da Liberdade	7
Histórias do passado.....	25
A noite de todas as coincidências	35
As pazes com o mar.....	43
Herói sem querer.....	47
Cozinheiro de fato e gravata.....	53
O rio	67
Talvez... quem sabe?	71
Quem disse que o passado não volta?.....	79
Quebrar a maldição de um nome	89
Aplaudindo o pôr-do-sol.....	105
Um lugar com vista para o mar.....	117
Os sinos de Santiago.....	133
Iceberg no lugar do coração	141
Às vezes ganha-se quando se perde	157
A maldição de um dom	169
Natasha	183
O livro que eu quero.....	191
Um sonho, meu amor.....	195

O Reino da Liberdade

O conde morreu! O conde morreu!

Frase que me ficou na memória de criança de pouco mais de seis anos. Frase aflita, não sei de quem, de dor e medo. Dor da perda e medo da proximidade da morte, da incerteza do futuro, da mudança, de tudo o que de irreparável a morte traz — e a morte dele trazia.

O meu avô morrera.

Não me lembro bem dele. Lembro-me das mãos enormes e fortes, e da sua figura imponente, se bem que indefinida — porque os olhos da memória já não a conseguem reproduzir exactamente —, na janela da biblioteca, gritando para o meu primo e eu não nos sentarmos nos buxos do jardim.

Mais tarde, nas conversas dos adultos reunidos à volta da mesa, ouvi muitas histórias sobre ele. Falavam da sua coragem, do seu sentido de humor, das suas convicções e carácter forte, da sua personalidade sem desvios.

Aprendi a admirá-lo. Dei ao meu filho o seu nome.

Admirar, nos homens, é querer e procurar não trair a memória; é o orgulho de ser parecido — não no físico, porventura, mas na atitude perante a vida e as circunstâncias, na maneira de enfrentá-las. Mesmo sem o conhecer, sem ter sentido o seu olhar, mas adivinhando-o pelo que me contavam.

Já adulto, não me era difícil imaginá-lo entre os guerreiros dos azulejos da sala das batalhas. Ele estaria lá, com certeza, não fosse o destino tê-lo obrigado a chegar tarde a esse encontro.

Mas a maior — talvez estranhamente — a grande imagem que guardo da tristeza da sua partida estava na casa, estampada naquela parede do palácio: o brasão — do seu orgulho, da sua honra — coberto com um pano preto.

Naquela época, com a minha idade, não tinha consciência do lugar onde vivia. Como os príncipes dos contos de fadas, morava num palácio encantado e encantador. Com jardins maravilhosos para inventar brincadeiras, fontes de água fresca para beber da bica, lago com cisnes para parar os olhos na sua navegação suave e orgulhosa, floresta de mistérios e esconderijos, com minas húmidas imitando grutas de Ali-Babá.

Também não tinha consciência de que esta morte me afastaria do convívio diário com o conto de fadas em que vivia. O novo rei do conto de fadas foi o irmão mais velho de minha mãe, meu tio. E eu deixei de ser príncipe naquele reino.

Meus pais procuraram então outro lugar para morar comigo e com os meus irmãos. Foi assim que fui viver para outro reino, o reino do mar, na Praia das Mações. Esperava-nos uma casa construída pelo meu avô, que ficaria para meus pais. Era a casa particular mais ocidental da Europa, dizia-o ele, numa vaidade inofensiva, e parecia-se, na realidade, com a proa de um navio avançando mar adentro à frente de todos os outros.

Era um lugar tocado pela magia das ondas, que tentavam alcançá-lo com as suas espumas brancas de raiva, nos dias de tempestade, ou embalá-lo nos dias suaves, azuis, por onde deslizavam golfinhos e patos bravos.

Foi para esta casa de luz e mar que fui passar um ano inteiro,

viver e atravessar as quatro estações. Um tempo que não mais iria esquecer em toda a minha vida.

Durante um ano, adormeci à cadência das ondas afagando as rochas e, por vezes, os meus sonhos foram interrompidos pelo ruído do mar discutindo com os penedos que o afrontavam.

Vivera até então, sem me aperceber, numa espécie de gaiola doirada, com a mata e os jardins rodeados por um muro intransponível. E, como raramente saía e eram sempre os primos e primas que nos visitavam, vivia numa prisão magnífica sem o saber. O muro enorme era o seu limite e o portão de ferro, sempre fechado, assustava e impedia a passagem. Sozinho não conseguia sair. O meu reino encantado tinha aquela fronteira.

Na casa da praia, o muro que limitava o meu reino, bem mais pequeno do que o outro, era baixo e as portas estavam sempre abertas. Na rua passavam pessoas que sorriam, e do outro lado abria-se o horizonte sem fim do mar, com todo o seu mistério e feitiço para nos prender os olhos.

E aprendi a conhecer as pessoas e a sorrir-lhes também. E aprendi ainda a decifrar o mar e as suas cores — o azul da calmaria, o verde indeciso e o cinzento da tempestade.

A solidão, essa companheira nem sempre desejada, visitou-me pela primeira vez. Sentado no murete rasteiro virado para o mar, com uma cana na mão, ficava horas olhando as ondas a espiar os golfinhos, se apareciam, e os patos bravos a divertirem-se com os seus mergulhos curtos. Fascinava-me, embora raramente aparecessem, o voo magnífico das gaivotas — o seu poiso, a navegação suave e, por vezes, o mergulho profundo, seguido do regresso agitado, mostrando-nos um peixe a debater-se no bico.

Ficava olhando também, tempos sem fim, os pescadores, estáticos, pendurados nas rochas com as suas canas, que só muito de

vez em quando estremeciam, anunciando o peixe que picara o anzol. Sentia-os companheiros da minha solidão.

Mas, apesar de tudo isto ser novo para mim, sentia uma falta enorme do meu primo e companheiro de brincadeiras — o que se sentava comigo nos buxos do jardim do palácio. No fundo, a sua ausência era a grande responsável pela minha solidão.

Foi então que conheci aquele que viria a ser o meu grande companheiro desse ano, e que passou a ser um amigo para o resto da vida. Era filho do casal que tomava conta da casa durante o ano, pois, no tempo do meu avô, esta só era utilizada pela família durante as férias. A mãe dele apresentou-nos, talvez na segunda semana da minha estadia no novo reino, quando ele vinha a chegar da escola.

— Fala ao menino.

Olhámo-nos e ele, sorrindo, disse, esquivo:

— Olá.

E eu, sem perceber aquilo do menino, respondi, meio envergonhado:

— Olá.

E ficámo-nos por ali.

Num dos dias seguintes, vi-o andando devagar por fora do muro, do lado do mar, pelo alto da arriba. Aproximei-me e perguntei-lhe aonde ia. Respondeu-me, sem parar de andar:

— Vou cortar uma cana para fazer um dardo.

— Posso ir contigo? E fazes um para mim?

Acenou com a cabeça, e lá fui com ele, começando a minha aprendizagem de construir os meus próprios brinquedos e experimentar brincadeiras que nem sabia existirem. Escolhemos as canas

e, com o canivete que ele sabia usar, afiámos uma ponta e, na outra, abrimos dois rasgos em cruz, onde enfiámos cartão dobrado, imitando a extremidade de uma seta. Depois, começámos a lançá-los para ver qual ia mais longe e, para meu grande espanto, voavam retos e caíam sempre espetados no chão. Eu nem acreditava... um brinquedo fantástico — e feito por mim!

Assim se iniciou a nossa amizade, e comecei a aprender muita coisa nova: como fazer dardos, físgas, escolher pedras boas para, bem atiradas, saltarem várias vezes, ricocheteando na água do rio que havia no extremo da praia; fazer pequenos barcos de cortiça para andarem nas poças ou nos regos de água das chuvas. Mas, mais do que tudo isso, aprendi o sabor da liberdade — sabor que não conhecia, mas que, depois de experimentado, não se esquece mais.

O meu dia a dia era um pouco estranho, pelo que me lembro agora. Havia uma coisa muito diferente da normalidade das outras crianças da minha idade, que ainda hoje me espanta: a maneira como eu estudava, como se processava o meu ensino.

Justamente naquele ano, estava na idade de começar a estudar. Naquela época era o corrente. Não havia infantários, nem a infantil, nem o pré-escolar. Começava-se a aprender por volta dos seis ou sete anos, na primeira classe.

Eu estava nessa fase e os meus pais, em vez de me matricular em na escola — havia uma nas Azenhas do Mar, onde andava o meu novo companheiro —, resolveram contratar (que estranho!) uma professora particular. A Dona Georgina vinha expressamente de Lisboa, todos os dias, para, durante toda a manhã, me ensinar os segredos da leitura, da escrita e das contas. Essas três horas diárias passaram a ser as horas mais longas da minha existência, o maior suplício da vida, ensombrando o meu dia, tornando-se o meu pesadelo diário.

Todas as manhãs, via o meu novo companheiro partir para a escola com os outros rapazes, na brincadeira, estrada fora. Depois, via o meu pai despedir-se da pequena imagem do Sagrado Coração, plantada na peanha, lá no alto da parede da sala, com uma benzedura supersticiosa e seguir para apanhar a camioneta que o levava a Sintra. Daí, continuava de comboio para Lisboa, onde era o seu trabalho.

Eu ficava num verdadeiro desespero, sentado no muro, a ver se a professora aparecia, saindo da camioneta que chegava sempre no horário. Tinha a secreta e enorme esperança, renovada a cada pessoa que saía, de não a ver aparecer, porque às vezes faltava. Que sensação de alívio e de alegria quando isso acontecia! Mas, por vezes, só perdera aquela camioneta e aparecia na seguinte... Que decepção! Era pior do que se tivesse aparecido quando devia.

Depois, era a lição na mesa pequena da casa de jantar. Três intermináveis horas, e mais os trabalhos que ficavam para o dia seguinte. Entretanto, a tortura acabava, e lá a via pelas costas: gorda, baixinha, o rabo enorme a badalar de um lado para o outro, qual sino mudo, seguindo apressada para apanhar a camioneta de volta para Lisboa. Às vezes, acontecia o que eu considerava um verdadeiro desastre: a minha mãe aparecia para conversar com ela sobre os meus progressos e acabava convidando-a para almoçar. Só me livrava dela completamente bem mais tarde. Era um dia estragado, preenchido pela ânsia de a ver ir embora, e a conversa com a minha mãe ia-se habitualmente prolongando.

Nos dias normais, ficava livre suficientemente cedo para ir esperar o meu amigo à saída da escola e regressar com ele e os outros rapazes. Saía sem dizer nada a ninguém e regressava sem que se apercebessem da minha falta. Pelo caminho, vínhamos andando em equilíbrios instáveis sobre os carris do eléctrico, correndo à apanhada uns atrás dos outros, ou atirando pedras, sem intenção de nos magoarmos, pois só procurávamos atingir os abrigos atrás dos quais

nos escondíamos: os postes eléctricos, as árvores, montes de terra nas bermas da estrada ou as próprias pastas onde transportávamos os livros e os cadernos, e que usávamos como escudos. E só escolhíamos pedras pequenas.

É claro que, naquele tempo, não passavam carros, talvez nem se contassem pelos dedos de uma mão durante um dia inteiro. Só um eléctrico, muito de vez em quando, que ia até às Azenhas do Mar, onde terminava a linha que partia de Sintra.

Este caminho da minha casa até à escola, com cerca de dois quilómetros, era a grande expressão e afirmação da minha liberdade. Percorrê-lo, ida e volta, sozinho ou com os outros rapazes, sem ninguém saber por onde eu andava, tinha um sabor especial que me fazia sentir dono de mim, decidindo o que queria fazer, correndo os riscos que acreditava poder correr, que confiava poder superar.

Sem o saber conscientemente, o embrião de ganhar confiança em mim ficou plantado e não mais murchou. Era também a experimentação de uma liberdade que, uma vez aprendida, não mais se pode sufocar. Era o fermento da rebeldia que se ganha para não mais perder. A sensação dos cabelos ao vento, na corrida por nossa conta e risco. Na altura, eu não sabia, mas era a semente que germinaria para, mais tarde, me definir.

Foi um ano de aventuras e acontecimentos inesquecíveis, como o da queda da avioneta.

Estávamos na praia, perto do rio, quando apareceu, como de resto acontecia algumas vezes, um avião pequeno, azul, de asas duplas amarelas, fazendo acrobacias que nos pasmavam o olhar. Cambalhotas, voos invertidos, subidas a pique até o motor se engasgar e queda na vertical, em voo picado, endireitando-se rente ao mar, como se quisesse afagar as ondas. E nós — o meu companheiro e eu — seguindo-o naqueles movimentos que nos faziam quase torcer

o pescoço, com a atenção presa, sem palavras, observando de boca aberta aquele espectáculo de perícia que nos entontecia.

De súbito, após um voo picado, ao endireitar a avioneta para a fazer subir, começámos a ouvir o motor a falhar, intermitente, como lâmpada que acende e apaga e que, não conseguindo ganhar altura, seguiu rente às arribas do lado esquerdo da praia. Deixámos de a ver e de a ouvir, num silêncio que nos fazia olhar um para o outro, assustados, interrompido por um estrondo, logo seguido de uma coluna de fumo a elevar-se, lenta, para o céu.

Correram pessoas, subindo a arriba, e nós seguimos atrás, porque ninguém reparava em dois miúdos curiosos. Chegámos perto dos destroços da pequena aeronave e, quando olhávamos para o corpo de um homem a ser afastado do que restava da avioneta, dois homens repararam em nós e gritaram-nos:

— Fora daqui! Voltem imediatamente para a praia, vá... toca a andar!

E ficaram a vigiar-nos até que nos afastámos mesmo, não nos dando oportunidade de os iludir e voltar. Foram mais fortes que a nossa curiosidade, mas nunca mais haveria de esquecer o pouco que tinha visto.

— Viste? Ele não se mexia e tinha a cara e o braço todos pretos... achas...?

— Que estava morto...? Acho que sim.

— Não vamos contar nada em casa, pois não?

— Não, não vamos.

Voltámos calados, emudecidos pelos nossos pensamentos.

Não falei nada com ninguém em casa, e o meu companheiro também não. Guardei para mim a visão do primeiro morto da minha

vida — visão que me assaltou o sono durante muito tempo e que me fazia sentir mal, com muita pergunta por fazer, portanto sem respostas. Mas sentia uma angústia que não sabia explicar, ao lembrar aquela imobilidade solta, o escuro das queimaduras misturado com o sangue, ensopando os cabelos e escorrendo pela ponta dos dedos da mão pendurada.

A morte metia medo, mesmo sem a entender.

Nem eu, nem o meu companheiro falámos mais sobre o acontecido. Era um acordo tácito que nunca exprimimos verbalmente. Suponho actualmente que escondia a falta de respostas para as perguntas que tínhamos sobre a morte.

E assim continuou a decorrer o dia-a-dia, ensinando-me que a vida faz esquecer a morte. A morte é paragem para quem ela acontece. A vida é caminho para ser percorrido continuamente e sem paragens, porque o tempo as impede.

— Vem ver!

O meu pai veio buscar-me ao quarto onde, deitado e assustado, já ouvia a tempestade. Com os seus exageros protectores, trazia-me um cobertor de papa.

— Enrola-te, é por causa dos relâmpagos — disse.

Sem perceber, enrolei-me e segui para a sala.

Encostei a minha cara aos vidros das janelas, olhando o mar agitado, escuro, batido pela cortina da chuva forte e iluminada pelos relâmpagos. Os raios riscavam caminhos imprevisíveis, em ziguezagues de luz que se precipitavam nas águas, florescendo o ponto de impacto. E logo me faziam encolher, na expectativa ansiosa do estrépito tremendo do trovão que se seguia.

E era enorme! Primeiro, um estalo ensurdecador, como de tábuas batendo umas nas outras, que depois rolavam e repercutiam, ampliando o som e chegando até mim, oprimindo-me o peito.

E seguiam-se, ininterruptamente, relâmpagos riscando a noite, impossíveis de prever — os mais perto, iluminando por breves instantes o morro do outro lado da praia; os outros, o mar e as rochas, ou ainda mostrando a chuva a bater na superfície do mar, levantada em salpicos que a embaciavam.

Por vezes, o barulho ensurdecador da sucessão de trovões era interrompido, sem nenhuma razão, por um silêncio. Era como se a tempestade precisasse de respirar, de tomar fôlego para continuar, permitindo-nos, então, ouvir a chuva, enquanto eu me encolhia na espera dos raios e dos estrondos que, sabia, vinham logo de seguida.

Era tenebroso. Violento. Para além de qualquer controlo humano, fazendo-me sentir pequeno, muito pequeno. Só podia esperar que passasse. Só esperar. Mais nada.

Era de uma beleza sufocante que me mantinha de rosto colado ao vidro da janela, sempre de olhos presos na espera do raio imprevisível, contraído depois, de olhos franzidos e dentes apertados, enquanto aguardava o ruído que chegava logo, sem dar descanso.

Não sei quanto tempo durou. Mas muito.

E, sem nos darmos conta, pouco a pouco, os trovões foram-se afastando, fugindo, deixando para trás só a chuva triste e silenciosa, que parecia melancolicamente apaziguadora, como a querer apagar a zanga descomunal que por ali passara.

Eu voltei para a cama, sem conseguir esquecer a beleza assustadora daquela tempestade, que me mostrou a força avassaladora de uma manifestação da natureza. Se penso numa tempestade, é sempre esta que recordo — a que criou marcas na minha memória.

Também não me esqueci de perguntar ao meu pai para que era o cobertor de papa. Disse-me:

— Se caísse um raio perto, o cobertor isolava-nos, protegia-nos.

Olhando para o cobertor e lembrando-me dos raios que vira rasgando o horizonte e provocar aqueles estrondos tremendos e ensurdecedores, não acreditei, e imaginei que o cobertor se enrolaria de susto caso lhe passasse perto, ziguezagueando, um risco de luz daqueles.

No dia seguinte, o céu estava azul e havia pequenos charcos e poças por todo o lado, e regos onde os nossos barquinhos de cortiça competiam encarniçadamente. E o rio, no extremo da praia, estava irreconhecível - largo, caudaloso, como que a desafiar-nos, orgulhoso: “Pensavam que eu era só um ribeirão? Pois também sou rio, às vezes!”

Mas nem nesses dias de euforia o rio arrastou uma só maçã que fosse, para fazer jus ao nome da praia.

O tempo ia passando, e não havia dia em que o meu companheiro e eu não encontrássemos algo para fazer. Foi então que aconteceu aquele dia estranho, tão diferente dos outros. Não pelo tempo que fazia, nem por qualquer razão dessas, mas pelas pessoas. Eram as pessoas que estavam estranhas... todas elas.

O dia até começara como tantos outros, com o farol da Roca e o seu uivo grave e rouco a enfrentar o nevoeiro, avisando os barcos da terra e dos rochedos próximos que os podiam ferir. Mas tudo isso era uma constante de tantas manhãs nevoentas das praias daquela costa. As pessoas é que estavam diferentes. Não sorriam nem ligavam às crianças, passavam como se não nos vissem mas, paravam junto de quem encontrassem e ficavam a falar, sérias, com caras preocupadas.